

**FUGAS DA VERDADE: UM ESTUDO DO DISCURSO
DA VERDADE NA LITERATURA FANTÁSTICA**

Ananda Maria Ferreira Missailidis (UERJ)

ananda.missailidis@gmail.com

Flavio García (UERJ)

flavgarc@uol.com.br

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir a “vontade de verdade”, conforme Michel Foucault (1996), em correlação com os “temas do eu” e os “temas do tu”, propostos por Tzvetan Todorov (1975), na literatura fantástica. Os “temas do eu” expressam as exacerbações do sujeito, que borram os limites entre o físico e o mental, entre a matéria e o espírito, entre a coisa e a palavra. Os “temas do tu” ligam-se aos desejos sexuais, apresentam formas excessivas e tangenciam tabus. O mundo ficcional do fantástico é, primeiramente, um mundo análogo ao mundo da realidade extratextual, no qual irrompem eventos insólitos que desestabilizam a normalidade expectável. Essas rupturas, em cada mundo ficcional próprio, levam a possíveis manifestações contrárias aos discursos científicos de determinado cronotopo, permitindo que se observe a criação de um espaço que leve a eludir as dinâmicas da “vontade de verdade”.

Palavras-chave:

Narrativas fantásticas. Temas do tu. Vontade de verdade.

ABSTRACT

This article aims to discuss the “will to truth”, according to Michel Foucault (1996), in regard to the “themes of self” and the “themes of thou”, as suggested by Tzvetan Todorov (1975) in fantastic literature. The “themes of thou” are linked to the representation of sexual desires, especially in their excesses and taboos. The “themes of self” express the exacerbations of the subject, blurring the limits between the physical and the psychological, between matter and spirit, between object and word. The fictional world of the fantastic is, initially, understood as a representation of the world of extratextual reality, in which uncanny events erupt, which destabilize the expected normality. These ruptures, in each fictional world, lead to possible manifestations contrary to the scientific discourses of a given chronotope, allowing one to observe the creation of a space that leads to evasions of the dynamics of the “will to truth”.

Keywords:

Fantastic narratives. Themes of thou. Will to truth.

1. Introdução

Com a primeira publicação do livro *Introdução ao gênero fantástico*, em 1970, Tzvetan Todorov aponta, entre diferentes determinantes do

fantástico, a especificação de temas próprio desse gênero literário. Para ele, o fantástico cria um espaço no qual é possível elencar temas tabus que seriam frequentemente sujeitos à censura. Todorov fala então de dois modos de censura:

Junto à censura institucionalizada, existe outra, mais sutil e mais geral: a que reina na psique, mesma dos autores. A penalização de certos atos por parte da sociedade provoca uma penalização que se pratica no próprio indivíduo, lhe impedindo de tratar com certos temas tabus. Mais que um simples pretexto, o fantástico é uma arma de combate contra ambas as censuras: os excessos sexuais serão mais bem aceitos por todo tipo de censura se for dada a conta para o diabo. (TODOROV, 1975, p. 82)

Para Todorov, os temas do fantástico são aqueles aos quais a censura mais se volta, tanto na sua face institucional, quanto na sua face individual. Tomando a literatura fantástica como um tipo de discurso, pensamos as limitações que Todorov denomina de censura em termos de procedimentos de exclusão diversos. Essa ótica ainda possibilita ponderar a censura realizada pelo próprio indivíduo, pensando em uma internalização de certos modos do poder dizer. Nesse contexto, quando falamos de discurso, ele não deveria ser compreendido como uma “simples tradução da realidade em linguagem; em vez disso, discurso deveria ser visto como um sistema que estrutura como vemos a realidade” (MILLS, 2003, p. 55), forma pela qual filtramos e categorizamos o real e determinamos, por sua vez, o que pode ser dito, e em quais condições.

Assim, esse trabalho tem como objetivo abordar como poderíamos pensar a dinâmica da “vontade de verdade” como modo de exclusão do discurso, dentro do contexto da produção da literatura fantástica. Para tal, começaremos discutindo os procedimentos de exclusão do discurso propostos por Michel Foucault, com ênfase especial na “vontade de verdade”. Seguiremos levantando os temas do fantástico e suas classificações como são apresentados na definição do fantástico de Todorov. Passaremos então ao exemplo do conto “A morta apaixonada”, de Théophile Gautier para explorar algumas formas em que poderíamos pensar a “vontade de verdade” em um caso específico, para depois concluir com algumas considerações mais gerais.

2. Procedimentos de exclusão e “vontade de verdade”

Em 1970, para a aula inaugural na nova cátedra do Colledgeu-France, Foucault apresenta o que seria depois publicado como o texto *A ordem do discurso*. O texto completo sumariza em grande parte as

pesquisas de Foucault e as delimitações de pesquisas futuras, tanto no sentido de pretensões pessoais quanto na forma de recomendações para o campo. Foucault, ao longo do texto, também introduz alguns conceitos-chaves para a organização do discurso, ou melhor, fala das regras de funcionamento e das dinâmicas gerais do discurso. Para ele, a produção do discurso não é uma produção livre, que poderia ser investigada a partir da ótica individual e criativa apenas. Ela é “controlada, selecionada, organizada, e redistribuída por certo número de procedimentos” (FOUCAULT, 1996, p. 8-9). Na primeira seção do texto, Foucault introduz alguns procedimentos de exclusão, detalhando algumas formas em que é limitado o que se pode falar, quem pode dizê-lo, e em quais situações.

Os procedimentos de exclusão que discutiremos são, de certa forma, externas ao próprio discurso, mas limitam sua livre produção e circulação. Gary Gutting nota que as quatro obras mais extensas de Foucault se voltam justamente às “práticas de exclusão que constituem o discurso e que são englobados pelo honorífico ‘ciência’” (GUTTING, 1994, p. 31). O rótulo antecipa uma questão central à classificação de um discurso como verdadeiro ou falso, o lugar do discurso científico. Entre os procedimentos de exclusão estão a interdição – ligada aos temas tabus; a separação e a rejeição – ligada à oposição de razão e loucura; e o que Foucault denomina de “vontade de verdade” – ligada à determinação de quais discursos podem constar como verdadeiros e quais serão julgados como falsos, se não descartados. O funcionamento dos três modos de exclusão pode ser vislumbrado em vários tipos de atos do discurso, mas o presente trabalho considerou os diálogos que poderiam iniciar-se pensando no lugar da verdade na literatura fantástica. A fim de investigar essa questão, tomaremos os temas do fantástico segundo Todorov, como parte constituinte da sua definição do fantástico como gênero literário.

Pensar os critérios da definição de Todorov do gênero fantástico seria pensar em três aspectos: o verbal, o sintático e o semântico. O aspecto verbal trata dos “registros da fala” ou do uso concreto da linguagem na constituição do texto. O aspecto sintático, por sua vez, fala do que foi antes classificado como composição da obra, das “relações que mantêm entre si as partes da obra” (TODOROV, 1975, p. 10). Por fim, o aspecto semântico seria relacionado aos temas tratados na obra, e é esse aspecto que trabalhamos nesta pesquisa, pois é nesse aspecto que o fantástico coloca em questão a concepção de verdadeiro e falso de maneira mais explícita.

Entre os modos de exclusão apontados por Foucault em *A ordem do discurso* é dado mais destaque justamente à questão de verdadeiro e

falso levantada pela “vontade da verdade”, o autor demonstra o caráter histórico e historicamente construído dessa classificação. Foucault traça uma história da “vontade de verdade” iniciando-se com as obras platônicas como o momento de virada em que a verdade não se constituiria mais no fazer discursivo, no ato ritualizado de enunciação, mas se deslocaria para a relação de referência fora do próprio discurso. Essa primeira virada não formou um critério de verdade imutável. Muito pelo contrário, as referências que legitimam um discurso como verdadeiro estão em perpétuo deslocamento. As mudanças científicas se espelham em mudanças na “vontade de verdade” do discurso tornando-a historicamente contextualizada.

Essa “vontade de verdade”, “como os outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um conjunto de práticas (...)” (FOUCAULT, 1996, p. 17). Em outras palavras, a “vontade de verdade” ganha um poder coercitivo sobre o discurso; poder esse que frequentemente ignoramos, em toda a sua atuação de exclusão e silenciamento daqueles que “procuram contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em questão contra a verdade” (FOUCAULT, 1996, p. 20). Esse poder coercitivo seria também um fator que hierarquiza os modos do dizer.

A verdade, nesse contexto, tem a ver com “generalidades e discursos que variam ao longo do tempo; mas que a cada época passam por verdadeiros. De modo que a verdade se reduz a um *dizer verdadeiro*, a maneira de falar conforma ao que se admite ser verdadeiro (...)” (VEYNE, 2011, p. 25). Esse dizer verdadeiro seria contido principalmente no dizer científico. Para Foucault, a “vontade de verdade” exerce então, a partir do discurso científico, uma pressão institucional sobre os outros discursos. Ele destaca, em particular, a forma como “a literatura ocidental teve de buscar apoio, durante séculos, no natural, no verossímil, na sinceridade, na ciência também – em suma, no discurso da verdade” (FOUCAULT, 1996, p. 18).

Nesse contexto, o surgimento da literatura fantástica em meados do século XIX, parece subverter expectativas do discurso científico e da “vontade de verdade” moderna. Embora não seja possível separá-la desse tipo de discurso, parece também que ela provoca certos rompimentos com o dizer verdadeiro corrente. Quando Foucault aponta como a literatura teve que se apoiar no discurso científico e verossímil, somos levados a pensar nos movimentos realistas e naturalistas na literatura, que foram levados, em último caso, a se apresentarem como estudos sociológicos da natureza e do comportamento humano. A literatura fantástica parece questionar

dinâmica, sendo seus temas tão longe desse ideal científico de veracidade. Todorov e outros teóricos do fantástico defendem ainda que esse gênero literário se apresenta como um superlativo da literatura de forma geral, sendo as questões e os temas nele colocado, exacerbações das questões e dos temas da ficção. Nesse sentido, a questão da “vontade de verdade” se coloca também para a literatura de forma geral.

3. Temas do fantástico

Seria importante lembrar que os temas são precisamente o que colocam em xeque a questão da “vontade de verdade” na literatura fantástica. A construção do fantástico como gênero distinto seria a combinação dos temas insólitos com uma linguagem que, de outras maneiras, busca se colocar como verossímil. A construção dos mundos ficcionais do fantástico se apresenta, primeiramente, como a construção de mundos análogos ao mundo da realidade extratextual, no qual irrompem eventos insólitos, que desestabilizam a normalidade expectável. Essas rupturas, em cada mundo ficcional próprio, levam a possíveis manifestações contrárias aos discursos científicos de determinado cronotopo. Os temas do fantástico apontados por Todorov são os elementos insólitos que aparecem na narrativa os quais rompem com as expectativas da verossimilhança.

Qual a importância, então, dos temas estranhos ou insólitos para a definição do fantástico? Ao falar dos temas do fantástico Todorov primeiro esclarece a diferença entre a função sintática e a função semântica na sua definição. Para ele, “um acontecimento será considerado como elemento sintático na medida em que forme parte de uma figura mais ampla” (TODOROV, 1975, p. 49), enquanto os elementos semânticos não teriam uma relação imediata com os outros elementos do texto. O elemento semântico, entendido como os acontecimentos estranhos ou temas do fantástico, não define sozinho o fantástico, mas é uma condição necessária para a formação do gênero.

Todorov segue fazendo uma classificação dos temas do fantástico. Ele utiliza como critério o aparecimento de temas compatíveis nas mesmas obras literárias, e depois interpreta os agrupamentos que se formaram a partir desse critério. A classificação resultou em dois grupos; o primeiro ele denomina “temas do eu” e o segundo como “temas do tu” (também traduzido como “temas do você”).

Para o primeiro grupo, os “temas do eu”, Todorov destaca a figura

dos seres sobrenaturais que, para ele, supririam uma causalidade deficiente. Assim, ele liga a primeira classificação de temas ao pandeterminismo: à ideia de que tudo, até o “azar”, tem uma causalidade concreta, mesmo que essa causa seja de ordem sobrenatural. Uma das consequências do pandeterminismo é a pansignificação – em um contexto no qual tudo tem uma causa direta, tudo também tem uma significação plena. Todorov assinala como consequência final do pandeterminismo uma “ruptura (...) do limite entre matéria e espírito” (TODOROV, 1975, p. 60) que ele assemelha a três estados: loucura, infância, e influência das drogas. Levado ao seu extremo, os “temas do eu” geram uma causalidade particular que rompe não só o limite matéria e espírito, mas o limite entre sujeito e objeto, levando a transformações do tempo e do espaço como categorias fundamentais.

O segundo agrupamento de temas seriam os “temas do tu”. Esses temas estão mais voltados aos tabus, notadamente, à sexualidade, em suas formas superlativas. Segundo Todorov, “o desejo, como tentação sexual, encarna-se em algumas das figuras mais frequentes do mundo sobrenatural, e em especial na do diabo.” (TODOROV, 1975, p. 68). Dentro desse grupo de temas estão também os temas da crueldade e da morte. Se os “temas do eu” falam da relação do homem com o mundo, os “temas do tu” se voltam para a relação do homem com o próximo, ou então, como aponta Todorov “do homem com seu desejo, e, por isso mesmo, com seu inconsciente” (TODOROV, 1975, p. 73). Ana Luiza Silva Camarini destaca que “O segundo grupo, denominado “temas do tu”, compõem-se de temas que aparecem particularmente ligados à sexualidade e ao desejo sexual em suas formas excessivas e/ou *interditas* (...)” (CAMARINI, 2014, p. 71, *grifo meu*), ressaltando a dificuldade de abordagem de tais temas devido à ação da censura, ou, como poderíamos reformular em termos foucaultianos, dos procedimentos de exclusão.

4. “A morta apaixonada”

Para detalhar os “temas do tu”, Todorov se utiliza do conto “A morta apaixonada” (ou “A morta amorosa”) de Theophilé Gautier, que recuperamos agora. O conto trata da paixão do abade Romualdo por Clarimunda, uma cortesã. O começo da trama coloca em questão o confronto da aparente pureza do ofício de Romualdo como sacerdote contra a tentação representada pela cortesã. O tratamento do tabu nesse caso exacerba-se à medida que os rastros do insólito são elencados. Todorov utiliza o

conto para exemplificar como “o desejo sexual pode alcançar uma potência insuspeitada: não se trata de uma experiência a mais a não ser, pelo que a vida tem de mais essencial.” (TODOROV, 1975, p. 72). Em que o personagem admite que “por ter elevado uma só vez o olhar sobre uma mulher” sua vida foi “definitivamente perturbada” (Cf. GAUTIER, 2013).

O conto inicia-se (e frequentemente tenta recuperar) um tom de narração quase confessional. O próprio narrador admite que no seu relato “são acontecimentos tão estranhos que custo a acreditar que tenham ocorrido” (GAUTIER, 2013). Fica clara a tentativa de tornar a sua história crível ao leitor. A “vontade de verdade” é, até certo ponto, acatada pela abertura da narração fantástica, contextualizando o conto de forma que, mesmo que não tenha uma referência externa real, poderia o ter. São os temas do fantástico que começam a colocar essa possibilidade de referencialidade e, portanto, de veracidade, em xeque. O insólito no conto não se anuncia de uma só vez, mas deixa rastros de perguntas não resolvidas e acontecimentos que se tornam cada vez mais difíceis de explicar.

O primeiro toque de Clarimunda acaba formando um momento de hesitação. Ao falar do toque, o narrador detalha que “era fria como a pele de uma serpente e deixou-me uma marca vermelha como se tivesse sido feita por um ferro em brasa” (GAUTIER, 2013). As pistas do insólito acumulam-se com as visitas à Clarimunda e quando o narrador-personagem testemunha a morte dela.

No entanto, como aponta também Todorov, “o sacerdote de a Morta apaixonada experimenta uma perturbação sensual ao contemplar o corpo morto da Clarimunda; a morte não a volta odiosa, mas, pelo contrário, parece aumentar seus desejos. “Terei que confessá-lo? Aquela perfeição de formas, embora desencardida e santificada pela sombra da morte, turvava-me mais do que o devido.” (GAUTIER, 2013).

Compreendendo que Clarimunda seja uma personagem morta-viva, mais tarde exposta como vampira, sua referenciação sai completamente do reino da possibilidade, e a contemplação do desejo chega à sua forma superlativa, combinando tanto os temas da morte quanto os da sexualidade. Será apenas após uma segunda visita ao corpo, então enterrado, que o encanto sobre o narrador será rompido, e também a expectativa causal de morte, como a compreendemos cientificamente, será recolocada, em contraste com a figura atemporal da Clarimunda vampira.

5. Considerações finais

A dinâmica de exclusão que Foucault aponta como a “vontade de verdade” coloca o discurso científico como aquele que pode ser classificado como verdadeiro. Isso não só limita a circulação dos outros tipos de discurso, como afeta sua própria formação. No caso da literatura, vimos que Foucault mesmo aponta para um apoio no verossímil que o assemelharia ao discurso científico. A “vontade de verdade” funciona sobre o discurso, mas, como modo de exclusão, é de fato exterior a ele. Isso significa que a “vontade de verdade”, em vez de encontrar seu valor dentro do discurso, encontra-o em uma referência exterior.

Apesar de apontar uma relação entre poder e discurso, Foucault é muito claro quanto à impossibilidade de simplificar essa relação tanto à completa subserviência quanto à total resistência. Nas palavras dele, “é preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escore, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo” (FOUCAULT, 1976 *apud* MILLS, 2003, p. 55). Quando pensamos na literatura fantástica como discurso, temos que ver então momentos de seguir e resistir às expectativas do dizer, construções e temas que entram no jogo para depois o eludir.

A construção da narrativa fantástica começa com uma construção de mundo verossímil, que ao máximo se aproxima do discurso da verdade. Se ela não tem uma referência exterior real, ela parece ter pelo menos a possibilidade dessa referência. No entanto, o irromper do insólito no meio da narrativa fratura essa possibilidade, fazendo-nos repensar verdadeiro e falso. O jogo do fantástico é o jogo da hesitação entre duas possíveis interpretações: uma resolução empírica, e uma resolução meta-empírica. É precisamente a coexistência dessas duas leituras, uma aceita dentro da lógica da “vontade de verdade”, e outra que a elude a condição necessária para a criação do fantástico. Nesse sentido, hesitamos entre mantermos dentro das condições de verdadeiro e falso estabelecidos no nosso cronotopo e entrar de vez em uma lógica de veracidade outra, pertencente ao mundo ficcional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARINI, Ana Luiza Silva. *A literatura fantástica: caminhos teóricos*.

São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

GAUTIER, Theophilé. A morta apaixonada. *Nefasto*, 2013. Disponível em: <https://nefasto.com.br/a-morta-apaixonada-theophile-gautier/>. Acesso em: 2 novembro, 2022.

GUTTING, Gary. *The Cambridge companion to Foucault*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

MILLS, Sara. *Michel Foucault*. London: Routledge, 2003.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1975.

VEYNE, Paul. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2011.